

Mesa: "Educação para além do capital". Segunda feira 31/10/2016. 14hs

O Professor Túlio Lopes disse que não basta apenas recorrer às soluções formais, mas que é preciso discutir a questão educacional com mais profundidade. As atuais políticas educacionais são parte de um projeto governamental com fortes vinculações liberalista, de um modelo que se mostra insuficiente frente às atuais demandas educacionais. A educação é pensada apenas como instrução técnica no sentido de formar uma classe trabalhadora acrítica e de fácil controle. Para Túlio, a discussão sobre a educação deve visar à emancipação do ser humano, a sua busca por autonomia e pensamento crítico. A educação não deve ser apenas um processo dogmático e mecânico, com tempo de início e fim na vida do cidadão. Mas ser estimulada por toda a vida, para formarmos uma sociedade mais humana a fim de superarmos as desigualdades entre quem pode estudar e quem não pode. Não basta apenas a defesa da educação pública, apesar da necessidade de tal defesa em momentos de ataques, como o que estamos vivendo. Deve-se pensar para além da educação formal, sendo a formação humana um processo da infância à velhice. A união dos movimentos sociais possui um enorme potencial de transformação da sociedade. A atual mobilização estudantil apresenta ideias similares às dos anos 1960, no sentido de defesa da educação pública, gratuita, inclusiva e de qualidade. É preciso pensar a educação brasileira como grande instrumento de transformação da sociedade. O Professor Túlio nos deixou uma importante reflexão: Devemos apenas fazer a resistência ou dar um passo adiante?

A Professora Livia afirmou que a ocupação é sim uma forma de greve. É feito de maneira independente, ainda que receba apoio político de outros movimentos sociais. A luta política é importante, cada uma nos forja para uma luta maior. A sala de aula é um local de instrução educacional, o aprendizado se faz na luta de classes e no desenvolvimento e experimentação científicos. Ressaltou a questão de a quem serve o conhecimento produzido na universidade? A lógica do mercado ou ao povo? O povo ainda continua sendo sabotado pelo Estado, pois quando é negado o conhecimento da ciência e da técnica, a sua emancipação se torna difícil. Segundo o Banco Mundial, o professor teria que superar estes problemas sozinho e ainda ser capaz de melhorar o seu rendimento acadêmico. O que se torna muito difícil quando se faz este tipo de exigência e não é oferecida estruturas para que o professor seja capaz de exercer o seu trabalho dignamente. Na prática, a aplicação destas políticas orientadas pela economia na educação, diminuem a carga teórica e prática científica e foca-se na prática técnica da educação, o que limita a produção e divulgação de conhecimento e torna o professor um técnico da educação. É preciso reconhecer que o movimento estudantil tem sido usado como palanque político de atores com interesses eleitoreiros de inserção no Estado, o que mina sua força. Este Estado, antes com Dilma, agora com Temer, por todos os seus ataques aos estudantes e professores, não representa os interesses estudantis. A luta se faz independente de partidos e organizações oportunistas. De estudantes para estudantes.

O Professor Luiz nos esclareceu que não é verdade que as classes trabalhadora e estudantil estão estagnadas, há sim muita mobilização. Ainda nos disse que a ocupação traz sim desconfortos e inconvenientes para muitas pessoas, mas tal desconforto é importante para fomentar o debate público. Se um debate é bom, ele traz consigo a polêmica. O professor ainda nos apresentou a sua visão, de que só é possível fazer uma transição para além do capital em escala mundial, pois política e economia são mais corretamente entendidas nesta escala. É impossível fazer mudanças no ensino e educação sem entender a sua relação com o trabalho e o capital. Qualquer forma de ir além dos modelos atuais, necessariamente passa pela ação dos trabalhadores e estudantes na reformulação do Estado. É preciso entender que a derrubada da PEC 241 (PEC 55 em tramitação no Senado) é uma luta muito difícil,

reconhecido o caráter conservador da Câmara dos Deputados e do Senado, mas a luta se apresenta como uma necessidade urgente. A práxis da ação é fundamental para ir além da conscientização da sociedade. O professor ainda explicou que os detentores do capital não conseguem e não podem conviver com organizações democráticas populares, o que ajuda a entender melhor o porquê de tantos ataques. A melhor forma de compreender o processo é participando dele e racionalizando sobre ele com a teoria que temos à mão. O professor ainda nos garantiu que não existe força policial a nível federal que seja suficiente para reprimir as ocupações e forçar a desocupação. Ainda ressaltou que é fundamental que os trabalhadores apoiem as ocupações.

Na sessão de perguntas e respostas outros pontos ficaram claros: A mobilização dos estudantes secundaristas não é marasmo. Deste movimento participam os filhos dos trabalhadores. A pulsão de mudança dos secundaristas é muito maior que dos estudantes universitários. Não apenas devemos reformar a sociedade, mas reformulá-la. É importante a presença do debate político nas escolas. É importante todos participarem da greve geral, que tem o caráter de união popular. Dado o atual estado de união de forças conservadoras é vital a união das forças progressistas, das esquerdas. O momento é de união entre as ocupações, entre secundaristas, graduandos, pós-graduandos, professores e técnicos administrativos. É importante lembrarmos que esta PEC que limita a saúde e educação públicas é apenas uma de muitas que estão sendo empurradas goela abaixo da população brasileira, sem debate. Toda forma de luta é válida.

Quando os movimentos sociais “pelegaram” junto aos governos, sua força de mobilização foi minada. Não podemos esquecer esta lição histórica. A atual experiência deve ser compreendida para que assim possamos forjar as lutas futuras. A união deve ser feita independentemente de quem é que está realizando os ataques, a defesa dos direitos obtidos deve ser forte. A autonomia das ocupações deve ser buscada a todo custo, sem que entremos com isso na lógica do projeto conservador e retrógrado “Escola sem partido”. Toda forma de discussão política é válida, com respeito à liberdade de expressão. Mas isso deve ser feito com sabedoria, para evitar que o movimento seja usurpado por interesses escusos. A luta política não é só nas urnas, é importante a luta extraparlamentar. A luta pela educação pública gratuita e de qualidade enfraquece os “Tubarões da educação”, que são grupos de lobistas interessados na privatização e elitização da educação em graus mais alarmantes que os observados hoje em dia. Eleição apenas não muda a realidade, a mobilização popular organizada muda.